

1218  
J. FERNANDES MASCARENHAS  
SÓCIO DO INSTITUTO DE COIMBRA

A ORIGEM DA ORDEM DO CARMO  
EM  
PORTUGAL

NAS SUAS RELAÇÕES COM A ORDEM DE MALTA

58  
Separata do  
«JORNAL DE MOURA»  
1954



J. FERNANDES MASCARENHAS  
SÓCIO DO INSTITUTO DE COIMBRA

Recebido em 6 XII / 1954  
Registado sob o N.º 857/A2.  
Tratado pelo officio pl.º

# A ORIGEM DA ORDEM DO CARMO EM PORTUGAL

NAS SUAS RELAÇÕES COM A ORDEM DE MALTA

*A' Biblioteca da Casa do  
Traje  
of.º  
J. Fernandes Mascarenhas*

*Lx, 5-XII-1954*

Separata do  
JORNAL DE MOURA  
1954



IGREJA E CONVENTO DO CARMO

I

**MOURA, BERÇO DA ORDEM DO CARMO  
EM PORTUGAL**

Reinando D. Sancho II, aportaram ao país uns cavaleiros da Ordem de Malta, que se faziam acompanhar de padres carmelitas. E como esses cavaleiros eram já senhores de algumas vilas e lugares do reino, em cujo número se contava a vila de Moura, fundaram nela em 1250, (1) reinando D. Afonso III, ou depois de 1251 como indicam alguns autores, um convento para os religiosos dessa ordem cedendo-lhes para tal, umas casas que tinham edificado junto duma devota ermida da invocação de Nossa Senhora da Luz. (2)

Devemos dizer que os hospitalários da Ordem de S. João de Jerusalém mantinham com os carmelitas estreita confraternidade na Terra Santa e o seu Padroeiro, S. João, é incluído entre os adeptos dos ermitas fundadores da Ordem do Carmo. (3)

Ante as perseguições infligidas pelos sarracenos aos carmelitas que chegaram ao extremo de lhes destruírem o próprio convento do Monte Carmelo, tomaram eles a resolução de emigrar para a Europa. Em 1238, estabeleceram-se em Chipre, Messina, Paris, levados por S. Luís, rei de França e em Aylesford, na Inglaterra. (4)

Coube pois a Moura a honra de ter o primeiro convento carmelita que se estabeleceu na Península.

Isto acontecia, portanto, a não muitos anos da sua reconquis-

---

(1) *Mapa de Portugal Antigo e Moderno, João Baptista de Castro, tomo segundo, partes III e IV, págs. 72 73, com base na Crónica Carmelita de Fr. José Pereira Santana e noutros autores.*

(2) *A Real e Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, Conde de S. Payo (D. António) — Lisboa, 1941, págs. 7.*

(3) *Idem, págs. 6 e 7.*

(4) *Ibidem, págs. 7.*

ta, efectuada pouco depois de 1191, visto a primeira conquista pelos exércitos cristãos ter-se dado em 1166, no reinado de D. Afonso Henriques, com a intervenção daqueles célebres cavaleiros de nome Álvaro e Pedro Rodrigues, cujas cinzas se guardam num túmulo manuelino existente na arruinada Igreja do convento das dominicanas do Castelo, mandado construir pela sua primeira abadessa, Dona Ângela de Moura, da família dos mesmos cavaleiros, nas próprias casas de sua residência.

Vem a propósito referir — como hipótese — que a primeira conquista cristã, cuja data se ignora, talvez se tivesse dado no dia litúrgico do santo que se vê representado num fresco, quase destruído, existente na capela onde se encontra o túmulo dos primeiros conquistadores de Moura.

A figura parece a do apóstolo S. Bartolomeu e, sendo assim, é provável que a conquista se tivesse verificado em 24 de Agosto, tempo estival próprio para conquistas e fossados.

A reforçar esta nossa suposição, temos o facto de quase todas as conquistas feitas pelos cristãos aos mouros serem referenciadas aos santos do dia, nomeadamente, a de Lisboa no dia de S. Crispim e a de Tavira no dia de S. Barnabé, santo que teve capela própria na igreja de Santa Maria do Castelo dessa cidade, do lado da Epístola, junto do jazigo onde se guardam os ossos dos sete cavaleiros cristãos mortos pelos mouros no sítio de Antas, causa imediata dessa conquista por D. Paio Peres Correia, esforçado cavaleiro de Santiago.

As crónicas cristãs mouras dessa época nada nos dizem sobre o assunto bem como acerca das datas da conquista de muitas outras terras. A própria *Adquirá Assania*, Crónica Anónima dos Merinidas, publicada em 1921, em Argel, por Ben Cheneb, na qual depositávamos grandes esperanças, nada também nos diz, conforme informação do nosso prezado amigo e distinto arabista Dr. José Garcia Domingues, que teve o ensejo de a consultar numa visita de estudo que fez recentemente a Madrid.

D. Luís Caetano de Lima, clérigo regular e membro da Academia Real de História Portuguesa, escrevendo sobre a vila de Moura refere-se à Ordem do Hospital ou de Malta e à questão a que a mesma deu lugar, numa época é certo posterior à fundação do Convento do Carmo, mas ainda no século XIII. Diz esse autor que o «senhorio» de Moura, e de algumas outras Vilas do Alentejo chegou a ser ocasião de rompimento entre El-Rei D. Dinis de Portugal, e El-Rei D. Fernando o IV de Castela, pelos anos de 1295 porque havendo sido conquistadas por Príncipes Portugueses e estando na demarcação dos seus domínios, andavam usurpadas a esta Coroa



CONVENTO DO CARMO  
Um trecho da Casa do Capítulo

desde o tempo del-Rei D. Afonso o Sábio, e unidas à Ordem do Hospital daquele Reino. (5)

Tanto Moura como Serpa, Aroche, Aracena, Aiamonte e o Algarve foram terras que durante muitos anos estiveram em litígio, apesar de conquistadas pelos reis portugueses. O rei D. Afonso III exercia sobre elas direitos de senhorio político, mas coube ao sogro Afonso X de Castela, o usufruto. O Algarve, deu-o Afonso X de Castela ao neto D. Dinis, ressaltando porém alguns direitos, dos quais abdicou pouco depois de 1264 e a delimitação do Caia para o sul, na qual estavam compreendidas Moura, Serpa, Aroche, Aracena e Aiamonte, só foi realizada definitivamente mais tarde, firmando-se em 12 de Setembro de 1297, pelo chamado *tratado de Alcanizes* um acordo, pelo qual o nosso país desistiu de Aroche, Aracena, Aiamonte e outras terras, e recebeu em troca Campo Maior, Olivença e os territórios vizinhos. (6)

Quando em 1295 se deu o rompimento entre D. Dinis e Afonso IV de Castela, que terminou pelo *tratado de Ciudad Rodrigo*, já D. Dinis estava de posse da Vila de Moura, pelo que a cercou de muralhas e lhe deu foral, que foi o terceiro outorgado após a sua conquista aos mouros, pois o primeiro tinha-lhe sido dado em 1171, por D. Afonso Henriques e o segundo em 1217, por D. Afonso II.

Por outro lado, tendo sido dado o senhorio de Moura por D. Afonso Henriques à Ordem Militar de Aviz, dependente dos grã-estres de Ordem de Calatrava, com sede em Castela, semelhante situação foi causa de atritos e lutas que só desapareceram no dia em que essa ordem deixou de depender duma nação estrangeira.

Embora pareça paradoxal, dessa série de atritos persistiu uma célebre questão entre Moura e Aroche, conhecida pela questão das *Terras da Contenda*, só completamente liquidada pela *Convenção de Madrid*, de 27 de Maio de 1893, reinando em Portugal D. Carlos I e em Espanha Afonso XIII (7), não cabendo no âmbito deste estudo toda a extensa série de episódios a que as ricas terras da margem esquerda do Guadiana deram lugar, desde a sua conquista aos mouros.

(5) *Geografia Histórica*, 1736, aut. cit., tomo segundo, págs. 251 e 252.

(6) *História de Portugal — Palestras na Emissora Nacional — Porto* 1951, vol. I, Damião Peres, Professor da Universidade de Coimbra, págs. 111 e 116.

(7) *Legislação Portuguesa de 1893*, págs. 495 e seguintes.



CONVENTO DO CARMO  
Descida da Cruz — (Retábulo)



## II

### ORIGEM, PRIVILÉGIOS E DISTINTIVOS DA ORDEM DE MALTA

Tendo D. Afonso Henriques dado entrada no país à Ordem de Malta enchendo-a de privilégios e regalias pelos bons serviços prestados, cabem nesta altura duas linhas sobre essa insigne milícia.

Teve a Ordem de Malta princípio na Terra Santa, durante o pontificado de Urbano II, sob o nome de Ordem Militar de S. João de Jerusalém, passando depois a chamar-se de Malta por residir nessa ilha o seu grão-mestre, a que lhe foram atribuídos os tratamentos honoríficos de cardeal e alteza.

Em Portugal os cavaleiros dessa ordem, que tinham o seu governo, intitulavam-se priores do Hospital e posteriormente ao ano de 1340, reinando D. Afonso IV, a designação de priores do Crato.

Alguns dos seus chefes summos foram de nacionalidade portuguesa, tais como Frei D. Pedro Afonso de Portugal, filho natural de D. Afonso Henriques, falecido no país em 1207 e sepultado em Santarém, na igreja de S. João de Alporão; Frei D. Luís Mendes de Vasconcelos, bailio de Acre, que jaz sepultado juntamente com os grão-mestres: Frei D. António Manuel de Vilhena, também bailio de Acre, falecido em 1736, e Frei D. Manuel Pinto da Fonseca, eleito mestre em 18 de Janeiro de 1741.

No país propriamente, muitos e notabilíssimos foram os seus grão-priores desde Frei D. Avres no tempo de D. Afonso Henriques, a Frei D. Álvaro Gonçalves Pereira, pai de D. Nuno Álvares Pereira, ao Infante D. Luís, Duque de Beja e filho de D. Manuel I, a seu filho D. António Prior do Crato, a Frei D. João de Mascarenhas, o primeiro Marquês da Fronteira, ao Infante D. Francisco, irmão de D. João V, que esteve em Moura, e ao Infante D. Pedro, irmão de D. José I e marido da Rainha Dona Maria I, para só apontarmos estes.

Seguindo Baptista de Castro na sua descrição sobre esta ordem de cavalaria «o hábito destes cavaleiros é uma túnica preta, e comprida, com a Cruz de pano branco oitavada sobre o lado esquerdo. O manto, ou túnica é como um roupão de mangas largas,

que se estreitando até aos bocais, se prendem atrás, e representam a túnica do Baptista. A Cruz, ou as oito pontas dela, significa as oito bemaventuranças. Do ombro esquerdo lhes pende um cordão tecido em seda preta, e branca, em que se vêem bordados os Mistérios da Paixão de Cristo.

No exercício das armas e nas ocasiões de campanha, ou caravana, usam de umas sobrevestes encarnadas curtas de feitiço de cotas com Cruzes brancas sem pontas. Do sobredito ornato usam, quando residem em Convento, porque fora dele prevalece o traje das Cortes». (8)

### III

## OS VESTÍGIOS DA ORDEM DE MALTA EM MOURA, E A ANTIQUISSIMA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA DA MESMA VILA

Descritas as tais insígnias, em especial o emblema, para poder-mos fundamentar as asserções que se seguem, é a altura de perguntar se em Moura existem vestígios da passagem dos cavaleiros de Malta?

Sem dúvida alguma! Em primeiro lugar na casa de especto nitidamente medieval, se bem que já modificada em parte, que se vê na Rua de Aroche, fronteira à porta lateral da linda igreja manuelina de S. João, monumento recentemente restaurado.

Quem observar com atenção essa casa encontra além do seu portal em estilo gótico de aspecto muito primitivo, uma pedra amarelada pelos anos, com a cruz de oito pontas da Ordem de Malta, representativas das bemaventuranças. Mais ainda: na parede do fundo da mesma casa e completamente enegrecida pelo fumo da forja do ferreiro que exerce aí a sua profissão, um círculo contendo uma caderna, no meio da qual existe uma cruz de Malta, tudo em alvenaria, segundo informação do respectivo proprietário.

A caderna é muito posterior à construção do edifício, talvez do tempo do grão-prior do Crato Fr. D. João de Sousa, pois a caderna é o símbolo heráldico do apelido desse cavaleiro. Como a casa

(8) *Ob. e aut. cit.*, tomo II, págs. 32 a 41.

possivelmente era ainda propriedade da Ordem de Malta, no reinado de D. Pedro II, a presença de tal símbolo indica qualquer reconstrução efectuada por esse grão-mestre.

Em resumo: tanto o emblema, em parte danificado, como a cruz que subrepuja o pórtico gótico estão quanto a nós a afirmar ter sido essa casa a residência dos cavaleiros de Malta, casa que deveria ter tido mais depedências, prolongando-se, provavelmente, pela rua abaixo.

Sabe-se também que foi transferida, por ordem do rei D. Afonso V, a sede da paróquia que era na igreja de Santa Maria do Castelo (templo de pequenas dimensões e antiga mesquita) para uma capela dedicada a S. João Baptista.

Essa capela existia já em 1318, no reinado de D. Dinis ocupando «juntamente com outra de igual aspecto exterior, a Capela das Almas, parte da área abrangida pelo monumento que hoje existe», diz-nos o *Boletim n.º 45 da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* (9), citando a bela monografia do ilustre architecto Jorge Segurado, sob o título *A Igreja de S. João de Moura*. E parte da área dessa antiga capela corresponde hoje à capela absidial, do lado do Evangelho, da actual igreja de S. João. (10)

Ora, dada a antiguidade dessa capela de S. João, o local onde estava situada e sendo esse santo o padroeiro da Ordem de Malta, tudo leva a crer que o referido templo foi mandado edificar pelos cavaleiros dessa ordem que aí teriam os seus actos de culto.

Além dos vestígios indicados da Ordem de Malta, vimos no quintal duma casa particular de Moura, uma pedra com uma bela cruz da mesma ordem, que muito provavelmente teria pertencido à antiga capela de S. João.

Como o novo e monumental templo de S. João era da Ordem Militar de Aviz, lógicamente todos os distintivos da Ordem de Malta teriam sido substituídos para evitar qualquer confusão.

#### IV

### ALGUNS ASPECTOS ARTÍSTICOS DO CONVENTO DO CARMO DE MOURA

Quanto pròpriamente ao Convento do Carmo de Moura, onde os primeiros frades carmelitas se instalaram, no qual os infantes de

(9) *Ob. cit.*, págs. 9.

(10) *Idem*, págs. 12 e 13.

la Cerda fizeram várias obras e Nuno Álvares Pereira contemplou com generosas dádivas, deveria ter sido todo ele em estilo gótico, de que restavam vestígios em algumas capelas, designadamente na de Santana, à entrada do templo, do lado direito, hoje infelizmente com as ogivas e o seu arco em estilo renascença cobertos de cal. E já que falamos de Santana, mãe de Nossa Senhora, convém elucidar que houve sempre um grande culto na Ordem do Carmo por essa santa e por S. Joaquim, culto que se filia na própria origem da ordem, fundada pelos eremitas do Monte Carmelo, na Terra Santa.

Mais tarde o templo e o próprio convento sofreram reconstruções e transformações nos estilos manuelino e renascença, cremos que na mesma altura ou um pouco posteriormente, à edificação da actual igreja de S. João Baptista. E pouco mais ou menos na mesma época, foi também transformada e ampliada a igreja do Castelo, onde as freiras dominicanas do convento fundado por Dona Ângela de Moura, passaram a ter o seu serviço religioso.

Os capitéis das colunas e respectivos ornatos destes templos são muito semelhantes.

O próprio púlpito do Carmo, muito interessante, tem também uma certa afinidade com o de S. João.

Os vestígios manuelinos do Convento do Carmo são evidentes, entre os quais a linda abóbada artesonada da Sacristia, em cujos bocetos dos cruzamentos das nervuras se ostenta a cruz de Cristo, emblema muito usado neste estilo, e não a cruz de Malta, como erradamente os dicionários e o próprio *Guia de Portugal* informam e uma «portasinha de arco policêntrico» como diz o *Guia de Portugal*, porta que se fosse desobstruída das alterações feitas no século XVIII quando reconstruíram a capela-mor, daria ao conjunto um ar muito gracioso e artístico.

Onde a cruz de Malta realmente aparece no convento de Moura, é na abóbada da entrada para o refeitório, junto ao claustro, a atestar a origem da Ordem do Carmo em Moura.

A abóbada desse refeitório é outro exemplar manuelino digno de nota, no qual como dizíamos num artigo que últimamente publicámos (11), ficava muito bem instalado um pequeno museu de arte sacra com todos os objectos da igreja do Carmo hoje retirados do culto.

Sofreu ainda o templo e o convento uma acentuada influência

---

(11) Não seria interessante instalar um pequeno museu de arte sacra no antigo refeitório do Convento do Carmo de Moura, J. Fernandes Mascarenhas, «Jornal de Moura», de 20 de Fevereiro de 1954.



A RESIDENCIA DOS CAVALEIROS DE MALTA  
EM MOURA

do renascimento. Assim, a fachada e o pórtico principal, claustro e algumas capelas são desse período; porém, a Virgem que está no nicho do pórtico, julgamo-la muito mais antiga. A sua escultura rústica cheia de primitivismo está muito à quem em perfeição dos baixos relevos dos medalhões que ladeiam o mesmo pórtico. Além disso a imagem não nos aparece com os bentinhos, como é usual, indício que teria sido esculpida anteriormente à generalização do Santo Escapulário, dado por Nossa Senhora em 1251 a S. Simão Stock, prior geral da ordem, de nacionalidade inglesa, numa altura em que ela atravessava grandes dificuldades (12) e cujo 7.º centenário foi comemorado festivamente em 1951 em Portugal e em todo o mundo católico (13). Provavelmente essa imagem é da primitiva igreja que por ser muito venerada a colocaram no novo pórtico.

No muro de ingresso ao templo, de mistura com os distintivos do estilo manuelino, vê-se o emblema da Ordem do Carmo, sem o Monte Carmelo e apenas com as duas estrelas representativas do profeta Santo Elias e de seu discípulo Santo Eliseu. Sobre a porta que dá ingresso ao refeitório conventual está outro brasão do Carmo, bastante curioso e completo, sobrepujado por uma coroa aberta, além de outros brasões de épocas posteriores.

A igreja do Carmo, com as suas três naves de seis tramos e todos os motivos artísticos que possui, é realmente um belo templo. E melhor seria ainda se fosse limpo da cal que ofusca as suas pedras venerandas e reintegrado nos seus estilos dominantes espurgando-se ao mesmo tempo das transformações feitas nos séculos XVII e XVIII.

Pelo chão, pelas paredes das capelas e por toda a parte, há imensas pedras supulcrais, algumas brasonadas e com inscrições de várias épocas, designadamente góticas, a jogar com o estilo em que foi primitivamente construída.

Gótica era ela quando o Santo Condestável foi aí buscar os primeiros monges que povoaram o Convento do Carmo de Lisboa, como góticas deveriam ter sido as suas imagens e alfaias do culto.

Sob o ponto de vista pictórico, possui a mesma igreja, algumas boas tábuas da escola portuguesas dignas de estudo e competente restauro e um painel à entrada, na parede do lado esquerdo,

---

(12) *A Real e Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa*, ob. cit., págs. 7.

(13) *Santo Escapulário do Carmo — Número comemorativo do 7.º centenário em Portugal*.

proveniente da antiga igreja da Misericórdia de Moura, o qual apresenta a clássica alegoria à fundação das Misericórdias.

Feito para a mesma instituição de caridade, cujo alvará é de 1627, o interessante painel é provavelmente dos princípios do século XVII, mas ainda com reflexos nítidos da pintura do século anterior. O seu estudo e respectiva descrição reservamo-los para outra oportunidade.

Proveniente também da Misericórdia de Moura, está na igreja do Convento do Carmo uma tela com o orago das Misericórdias — a Visitação de Nossa Senhora — que deveria fazer parte do retábulo do antigo templo da referida instituição.

## V

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como em Junho de 1952, na sessão solene inaugural das festas comemorativas do 5.º centenário das Ordens Terceiras do Carmo, instituídas em 1452 pela Carta Apostólica *Cum ulla*, do Papa Nicolau V, solenidade a que se dignou presidir Sua Ex.<sup>ma</sup> o Senhor D. Manuel Ferreira da Silva, venerando Arcebispo de Cízico, terminamos estas considerações, repetindo o que então dissemos a uma vasta assembleia carmelita:

«Sempre que se fale da Ordem do Carmo em Portugal, é forçoso recordar Nuno Álvares, da mesma forma que ao falar-se desse luminar da Ordem jámais se pode esquecer o Convento de Moura, onde ele tantas vezes esteve e foi buscar os primeiros monges que povoaram o Convento do Carmo de Lisboa. E ao falar-se do Convento de Moura devemos recordar que foi o primeiro da Ordem do Carmo existente em Portugal e na Península, fundado por cavaleiros da Ordem de Malta, hospitalários, portanto, da ordem de cavalaria a que o pai de Frei Nuno veio a pertencer e foi figura de grande relevo. Cremos até que a devoção de Nuno Álvares por Nossa Senhora sob a invocação do Carmo se deve talvez ao convívio, desde menino, com os cavaleiros da Ordem do Hospital.

Lá se encontra no átrio do lindo refeitório manuelino do Convento de Moura a cruz do Hospital a lembrar a origem da Ordem do Carmo em Portugal, encimando a porta que dá ingresso ao mesmo refeitório um brasão do Carmo tão interessante como antigo, e no claustro renascentista do século XVI do mesmo convento, uma espécie de cova que a tradição indica como sendo um local onde

Nossa Senhora appareceu pelo que, após as festividades que se realizam, lançam aí todas as flores que ornavam o andor da Virgem.

Na igreja desse convento há arte e vestígios nítidos do seu passado florescente: talhas, retábulos, arcos de pedraria lavrados nos estilos góticos, manuelino e renascença, pois a architectura do templo já não é a primitiva, e no pavimento campas de fidalgos, cavaleiros e plebeus, devotos certamente de Nossa Senhora do Carmo. E facto curioso, precisamente na altura em que fizemos aí uma visita, cheia de encanto e interesse, vimos rojar-se, devotadamente, uma mulher humilde, até junto do altar de Nossa Senhora do Carmo para lhe oferecer velas, facto que impressionando-nos, revela quanto Nossa Senhora é invocada pela população crente dessa vila alentejana.»

**OBSERVAÇÃO** — Sobre o Convento do Carmo sabemos da existência de alguns documentos, cuja leitura é possível que nos traga informações pouco conhecidas ou mesmo completamente desconhecidas. Pela morosidade das respectivas investigações, ficarão para outra altura.





A IMAGEM DE NOSSA SENHORA  
DO PÓRTICO DA IGREJA DO CARMO  
DE MOURA

### CORRIGENDA

Além de pequenas grahas tipográficas de que o leitor facilmente se aperceberá, corrijam-se as seguintes :

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
4	26	crónicas cristãs mouras	<i>crónicas cristãs e mouras</i>
9	15	Descritas as tais insígnias	<i>Descritas tais insígnias</i>
11	3	de que restavam	<i>de que restam</i>
13	4	cheia de primitivismos	<i>cheia de primitivismo</i>